



Formação dos municípios do Estado do Paraná

A importância da metodologia e da formação da equipe de trabalho nos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes

Jane Valente

Proteção social especial de alta complexidade

Para realizar um trabalho social com crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por medida de proteção é preciso um processo permanente de formação da equipe

2



Com a equipe é importante

a construção de significados, de linguagens, de método, de consensos, tais como:

histórico da família pobre no Brasil, conceituação de “família”, necessidades e direitos das crianças e adolescentes, rede de significações, trabalho em rede, legislação

3

para a partir daí poder existir a ampliação do conhecimento da vida e das possibilidades de superação e competências das pessoas implicadas na medida de proteção

Espera-se que:

- o conhecimento dos modos de transitar pela comunidade onde moram as famílias de origem: saber entrar, com quem falar, como se comunicar
- a preocupação em realizar uma abordagem humana, o que supõe que o profissional tenha capacidade afetiva, positividade, tolerância, confiança e aceitação do outro
- disponibilidade para auto-análise, para análise de sua ação e da ação do serviço – o que significa estar voltado para a construção concreta dos caminhos da ação



Penetrar no mundo da família, com respeito e compreensão, levando em consideração a sua história, é o ponto de partida para uma possível vinculação, que poderá ser o fator inicial mais importante, para provocar alguma mudança nas questões que originaram a necessidade da retirada da criança/adolescente

5

Para lidar com as questões postas em um serviço, qualquer profissional, de qualquer área e que trabalhe diretamente ou atenda crianças e adolescentes e suas famílias, necessita desfazer-se de preconceitos, tabus e valores que possam prejudicar seus contatos, convívios ou atendimentos



Há que se ter uma preocupação de formação dos novos profissionais na equipe, que é mais intensa no período inicial, mas que permanece ocorrendo em todas as oportunidades e em respostas aos diferentes desafios que são postos ao serviço, assumindo feições, portanto, de formação continuada

A construção de uma equipe de trabalho

Importante:

- Que se tenha uma supervisão institucional o que possibilita espaços de reflexão onde são trabalhadas as relações entre os membros da equipe, as histórias pessoais, as construções coletivas, a necessidade do cuidado uns com os outros, para que o cuidado possa ser vivido e refletido nas próprias ações profissionais
- Espaços ampliados de discussões de casos

Reuniões com a equipe

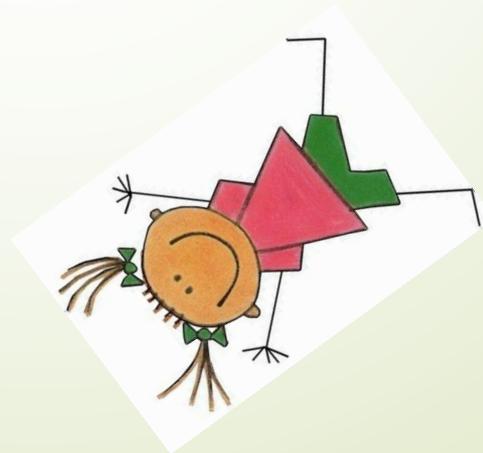
Onde são realizados os planos de trabalho com os diversos profissionais e, ainda que tendo opiniões diferentes, devem buscar alcançar uma unidade que contenha sua diversidade

Não é a busca da homogeneidade, mas com a discussão e a reflexão permanente, toda a equipe – respeitando e contribuindo para a construção da maneira de pensar de cada um de seus participantes – se empenha em garantir essa unidade

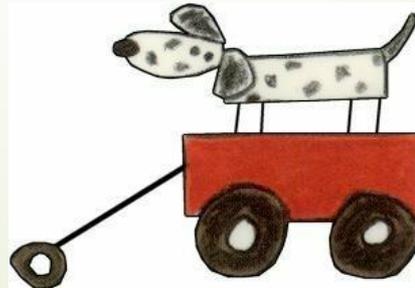
Nessas oportunidades, sempre que necessário, são resignificadas as propostas de trabalho, reconstruídos conceitos

São também espaços de formação, onde se estruturam conhecimentos a partir da prática refletida

Nas reuniões são realizadas discussões do percurso de cada caso, análises da evolução da ação, avaliação de resultados, construção de propostas de novas ações e, quando necessário, de mudanças de rumo no trabalho coletivo



As discussões de casos nas reuniões da equipe técnica são momentos preparados pelas duplas de profissionais, que apresentam o caso pelo qual são responsáveis, e o trazem para discussão. Nesse momento, todos os profissionais da equipe opinam. Os pareceres passam a serem abertos para as discussões que norteiam as decisões, encaminhamentos e os relatórios técnicos



O estudo social e seu acompanhamento

Miotto afirma que *o estudo social é um instrumento utilizado para conhecer e analisar a situação, vivida por determinados sujeitos ou grupo de sujeitos sociais, sobre a qual fomos chamados a opinar. Afirma também que a sua finalidade é a orientação do processo do próprio trabalho*

No estudo de caso e no acompanhamento:

Quem mais fala e de que lugar fala na discussão e nas decisões?

Como construir uma relação com a criança, com o adolescente, com as famílias implicadas?

Torna-se importante a opinião de cada adulto responsável pelo cuidado e proteção. Mas, faz-se importante também ouvir quem esta recebendo esse cuidado: Como a criança/adolescente esta percebendo esse cuidado em sua vida?

Como a família de origem esta percebendo o cuidado a ela direcionado? Ela esta conseguindo caminhar para uma relação de cuidado aos seus filhos?

Toda vez que se descuida de algum desses aspectos se empobrece o sentido do acolhimento



O estudo de caso é um processo que se faz a partir da reflexão em equipe das questões que emergem no trabalho cotidiano com a criança, com o adolescente, com a família e os parceiros co-responsáveis no atendimento

A idéia é que todos os profissionais saibam e reflitam sobre todos os casos

Quando um profissional toma uma decisão, esta não é apenas dele e sim do serviço, com base nas discussões e decisões construídas coletivamente com os parceiros co-responsáveis

A responsabilidade é de todos

Relatórios de Acompanhamento

Se o estudo e o acompanhamento de cada caso devem ser construídos com todas as pessoas envolvidas, as informações que serão descritas no relatório de acompanhamento têm que ser compartilhado com todos

As informações pertencem às pessoas implicadas no processo de construção, sejam elas profissionais do serviço, sejam profissionais da rede, seja a criança, o adolescente ou os membros da família

Essas informações precisam necessariamente mostrar todo o percurso histórico da família, as repetições geracionais, o modo de cada um apreender essa história e se apresentar no mundo



O relatório deve ser a expressão do trabalho realizado, do compromisso das pessoas nele implicadas, das co-responsabilidades construídas, das competências reveladas e, ainda, das dificuldades em reconhecê-las e superá-las

Quanto maior o nível de co-responsabilidades construídas, maior a possibilidade da ampliação de condições para a reversão da situação que originou a medida de proteção

Alem do relatório de acompanhamento, também poderá existir, durante todo o processo, o envio de relatórios informativos que contribuem para a agilização e qualificação do processo desencadeado

O relatório psicossocial:

fundamental na relação com o Poder Judiciário
precisa ter informações suficientes

É de muita responsabilidade o conteúdo construído e por isso mesmo ele precisa ser a expressão de várias vozes, que falam de diferentes lugares, possibilitando uma maior segurança no momento de difíceis soluções

A tomada de decisão

-O retorno dos filhos para a vida diária dos pais ou de pessoas a eles significativas, precisa ser coconstruído com a rede de serviços, durante todo o processo de atendimento

-A reintegração familiar é uma construção delicada, que se inicia já na entrada da criança/adolescente no serviço. Os diversos profissionais, serviços, pessoas significativas vão entrando em cena, conforme a necessidade de cada caso e compondo os reforços necessários para o atendimento ampliado à criança/adolescente e sua família

-O relatório social é o instrumento mais utilizado nessa relação, pois oferece a possibilidade de um intercâmbio nas informações e deve representar o melhor interesse da criança/adolescente

Prontuários

É importante ressaltar que durante todo o processo de atendimento da criança/adolescente e sua família no serviço, deve ser realizado o registro permanente da evolução da situação e a organização de toda a documentação necessária ao desenvolvimento da tarefa de acolhimento

A boa organização de um prontuário deve representar o respeito à história construída por todos os envolvidos e também a possibilidade de continuidade do trabalho por outro profissional em qualquer momento da história de cada um

Rompendo Paradigmas

Ainda hoje muitos serviços de proteção têm focalizado o seu trabalho exclusivamente na criança/adolescente, assumindo equivocadamente um lugar de proteção total, despotencializando a família de seu papel de provedora e de autoridade

Uma dificuldade a ser superada é a carga de ideologias e valores dos profissionais, a maioria das vezes não explicitadas verbalmente, mas expressos em ações e atitudes

Isto faz com que muitos dos trabalhos se pautem principalmente por duas perspectivas, a instrumental e a culpabilizante, em detrimento da ótica de valorização da família como parceira no seu processo

PLANO DE AÇÃO TRAÇADO COM CADA FAMILIA

PRIMEIRO MÊS:

Entrevista psicossocial

Compor o histórico com a família natural e serviços que já atenderam;

Esclarecer objetivo e regras do programa

Acompanhamento da adaptação da criança/adolescente na família acolhedora;

Mudança de escola, documentação pessoal e de saúde, inserção na rede

Visitas monitoradas (se não existir proibição) após primeiro atendimento ao grupo familiar e identificado os familiares significativos para a criança/adolescente

Se existir proibição de visitas, enviar relatório após conhecimento do grupo familiar, solicitando liberação;

Verificação de documentação do grupo familiar, se não existir – encaminhar

Início do atendimento da criança com a psicologia e arte terapia (individual e em grupo)



PLANO DE AÇÃO TRAÇADO COM CADA FAMÍLIA

Importante observar se a família está classificada em *problemas situacionais ou transgeracionais*;

Delimitar o foco de atenção na família de origem/extensa, qual ou quais pessoas serão potencializadas com vias ao retorno da criança/adolescente;

Acompanhar o movimento das famílias, adesão aos encaminhamentos, alteração da dinâmica da família, alteração da organização familiar, apropriação de novos padrões de relação;

Famílias envolvidas em *problemas situacionais*:

A criança é retirada da família por violência cometida por seus membros; porém no conhecimento da problemática deparamo-nos com problemas pertinentes ao ciclo de vida, tais como: dificuldade de adaptação e cuidado com a prole, imaturidade dos pais, drogadição, alcoolismo, desemprego, entre outros.

São famílias que possuem histórias muitas vezes positivas de relacionamento passado, mas que se encontram em situações de afrouxamento na rede pessoal e de serviços.

Nesses casos a prática tem nos mostrado que uma atenção focalizada em rede tem oferecido respostas mais rápidas às famílias.

Famílias envolvidas em *problemas transgeracionais*:

Essas famílias são caracterizadas por diversas modalidades de violência e apresentam características específicas em cada uma delas. A fragilidade nas relações interpessoais, a inexistência de uma rede de apoio e relações, problemas de ordem psíquica, relações violentas reproduzidas, pactos, entre outros, repercutem situações problemas de âmbito maior e exigem também uma atenção ampliada envolvendo a rede de atenção.

Famílias envolvidas em *problemas transgeracionais*:

Ao ser retirada a criança de sua família, percebemos que de princípio ocorre uma movimentação em sua dinâmica, às vezes fazendo com que seus membros reajam com o propósito de mostrarem-se “adequados” nos cuidados com seus filhos.

A dinâmica torna-se mais rígida, irreal, com características que visam demonstrar as qualidades, tentando acobertar os motivos que levaram à retirada da criança.

Nesse momento novos pactos podem ser firmados entre os membros com o intuito de se protegerem.

Famílias envolvidas em *problemas transgeracionais*:

A atenção continuada a essas famílias pode ser determinante, pois através de vários atendimentos, orientação, apoio, escuta, encaminhamentos, parcerias, forma-se um vínculo com o Programa, ao mesmo tempo que ocorre um relaxamento rumo à dinâmica natural e própria de cada família, passando esta a revelar seus problemas e a ação profissional pode assumir um caráter mais transformador.

“Não se ocupar da família de origem seria equivalente a fazer com que a criança suba em um trem, que viaja a uma velocidade, para um determinado destino e deixa os pais apenas parados na estação de saída, dizendo-lhes: Em pouco tempo terão que se encontrar com seu filho em um determinado local e, caso vocês não cheguem a tempo, perderão este encontro, correndo o risco de não encontrá-lo nunca mais.”

**Jolanda Galli
Itália**

Perspectiva que valoriza a família como parceira

Reconhece-a como cidadã, como um novo sujeito que constrói a legitimidade de suas lutas em defesa de seus membros

Na parceria que é estabelecida, as famílias precisam ser acompanhadas e apoiadas no desenrolar de todo o processo, para que possam criar estratégias de enfrentamento das questões e de sua superação

Continuar a responsabilizar as famílias pobres por desproteção, sendo que na maioria das vezes, a desproteção é do Estado é continuar a conviver com a reprodução de uma história que tem gerado graves conseqüências

As crianças e os adolescentes atendidos apresentam complexos problemas, que refletem a reprodução de descuidados de suas anteriores gerações

As fragilidades têm se acentuado. Recebem-se cotidianamente filhos de famílias que tiveram histórias de abrigo, de situação de rua, de desemprego estrutural, com rede pessoal fragilizada e desgastada

Acolhendo crianças, adolescentes e famílias

O princípio operacional norteador do trabalho

é o de atribuir centralidade à pessoa que está sendo atendida

a valorização da pessoa em sua integralidade – como ser individual, como ser de relações, como protagonista de sua própria vida, em seus desejos, valores, cultura

Acolhendo crianças, adolescentes e famílias

Outro princípio operacional

Valorização dos vínculos. O principal lugar de construção de vínculos é a família

O vínculo familiar é constituído principalmente pelo apego e pelo cuidado (pela confiança)

Descrito inicialmente como uma ligação entre mãe e filho, o apego pode também ser compreendido como uma ligação que se estabelece quando existe um movimento de cuidado em condições de intimidade e não de controle

Crianças privadas de cuidados e de afeto voltam suas energias contra si mesmas de modo muitas vezes destrutivo e perigoso



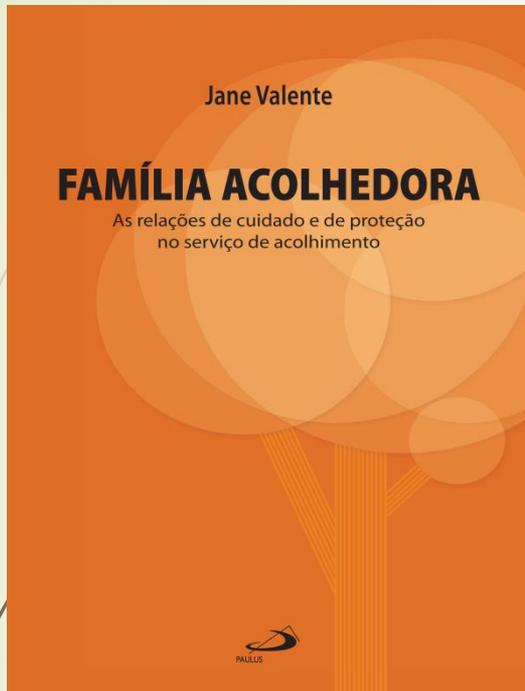
Crianças/adolescentes, para que se desenvolvam intelectual, emocional, social e moralmente é preciso que tenham relacionamentos saudáveis com uma ou mais pessoas, estabelecendo com elas um vínculo emocional, mútuo e forte

Este tipo de vínculo reforça sua capacidade de respostas positivas às outras situações que envolvam relações sociais



Um ambiente positivo convida à exploração de novas relações, à manipulação de situações inovadoras, à elaboração de novos projetos e estimula a imaginação

Esse movimento acelera o crescimento psicológico. Também, a qualidade de suas relações quando adulto depende, em muito, da confiança e da vitalidade básica dos vínculos de apego criados e estimulados na primeira infância e em todo o período de sua formação



Resultado da minha
pesquisa de doutorado

OBRIGADA!

janevalente@gmail.com